



## O SÉCULO XX – O DECLÍNIO DAS IDEOLOGIAS?

Alexandre Garrido da Silva[1] e Joana El-Jaick Andrade[2]

**Cite este artigo:** ANDRADE, Joana El-jaick; SILVA, Alexandre Garrido da. O Século XX - O Declínio das Ideologias?. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.33-44, 30 mar. 2003. Anual. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 30 mar. 2003.

**Resumo:** Desde a década de 50, grupos intelectuais liberais e anticomunistas têm anunciado a derrocada das ideologias de esquerda e a inviabilidade de implementação de novos modelos históricos alternativos ao sistema capitalista. Diante do aplainamento dos antagonismos de classe e do obscurecimento das contradições por um aparelho ideológico repressivo ainda verifica-se um esforço de resgate de um pensamento crítico e de uma visão transformadora do mundo.

**Palavras-chave:** capitalismo, ideologias, século XX, socialismo.

A partir da década de 50, grupos intelectuais liberais e anticomunistas passaram a anunciar a iminente “derrocada do comunismo”. No ano de 1955, em razão da morte de Stalin, foi realizada uma reunião no Museu Nacional de Ciência e Tecnologia de Milão que contou com a presença de inúmeras personalidades influentes, de Raymond Aron a Arthur Schlesinger Jr. Nesta ocasião, Aron declarou em seu discurso de abertura que, na maioria das sociedades ocidentais, as controvérsias ideológicas estariam “chegando ao fim”. Segundo sua visão, estaríamos entrando em uma era de consenso em torno do Estado providenciário, no qual as “velhas ideologias” não encontrariam lugar.

A relativa prosperidade econômica dos Estados Unidos e da Europa Ocidental vivida no período, somada ao impacto ocasionado pela divulgação do Relatório Kruchev, em 1956, viria a reforçar tal discurso nos anos que se seguiram. Em 1959, o Partido Social-Democrata da Alemanha, durante o Congresso de Bad-Godsberg, declarou seu rompimento definitivo com o marxismo e o socialismo. No mesmo ano, Daniel Bell escrevia o livro *The end of ideology*, em que resgata tese já defendida em 1951 pelo professor H. Stuart Hughes, de Harvard, publicada no ensaio *O fim das ideologias políticas*. Em seu livro, Bell volta a denunciar o esgotamento das velhas ideologias do século XIX diante do relativo “sucesso” do capitalismo liberal e do “indubitável fracasso” do comunismo. Para ele, “as velhas paixões” teriam se exaurido e “o velho radicalismo político-econômico” teria perdido o seu significado.

Contudo, a década de 60 veio a contradizer as previsões liberais e a superar todas as expectativas, devido à revitalização do movimento de esquerda e ao fortalecimento do conflito ideológico. Tanto a efervescência ideológica impulsionada pelo movimento estudantil nos centros do capitalismo, quanto a onda revolucionária deflagrada em diversos países da periferia,

seja na América Latina, África ou Ásia, marcaram o ressurgimento da esquerda radical e o renascimento da utopia socialista.

A crise internacional enfrentada a partir de meados da década de 70, no entanto, reverteu consideravelmente o quadro de otimismo que se instalara na esquerda. Surge então, no seio da extrema direita, uma forte tendência reformista de rechaço ao Welfare State. Autores como Von Mises e F. Hayek (que escrevera *O Caminho da Servidão*, em 1943) passam a ser aclamados por uma grande parte da intelectualidade, ganhando suma notoriedade quando seus direcionamentos políticos e econômicos começam a ser colocados em prática pelos governos de Margaret Thatcher e de Ronald Reagan.

Entre a nova direita neoliberal o slogan “there is no alternative” passa a ser corrente, principalmente a partir da queda do muro de Berlim e do fim da União Soviética. Já parte da esquerda assume a criação de uma nova orientação, vaticinada desde a “Blair Revolution” de 1994, em que há a revogação da cláusula IV do estatuto do Partido Trabalhista inglês e a revisão de todo o programa de estatizações na área econômica. A nova orientação proposta por Tony Blair e Gerhard Schroeder em 1999, através de manifesto dirigido a todos os partidos social-democratas europeus, pregava além do completo abandono da meta socialista, o fim do Estado assistencialista, a aproximação com o centro político-partidário, a ênfase na igualdade de oportunidades para se atingir a justiça social, e um novo equilíbrio entre as responsabilidades individuais e as coletivas (a cargo do Estado).

As promessas de modernização e de “renovação da social-democracia”, emanadas pelos adeptos da “terceira via” como resposta ao “desafio do neoliberalismo” e à crescente importância do individualismo, conseguiram a adesão do Partido Democrata Socialista italiano, do Partido Trabalhista australiano, do Partido Socialista Operário espanhol e de parte do Partido Socialista francês, tendo seu discurso ressoado por partidos de todo o mundo. Revitalizou-se, desta forma, o programa liberal-social de “acomodação das partes em desacordo”, com vistas à realização do Estado Social Democrático, que seria o Estado de todas as classes, mitigador dos conflitos sociais e promotor de justiça social e de paz econômica.

Tal tendência já havia sido brilhantemente apontada e analisada por Herbert Marcuse, ainda na década de 60, em seu livro *A ideologia da sociedade industrial*. Segundo Marcuse, as sociedades capitalistas industriais avançadas teriam conseguido abrandar a luta de classes e coibir as forças de oposição ao status quo ao promover a união e coesão internas através da crescente produtividade, da promoção de um elevado padrão de vida e do controle sobre depressões. A satisfação das necessidades pelo Estado de Bem-Estar Social tornaria a servidão aceitável e imperceptível, fazendo desaparecer a fonte tangível de exploração por detrás de uma fachada de racionalidade objetiva e de integração cultural e social do trabalhador na sociedade capitalista, fazendo surgir o fenômeno de uma sociedade unidimensional e totalitária[3].

Na mesma época, Jürgen Habermas, em *Técnica e Ciência como ideologia*, abordava este mesmo fenômeno, desta vez sob um prisma positivo, afirmando que a social-democracia repre-

sentaria a forma de governo que atenderia a um padrão de justiça social combinado com a proteção da esfera da liberdade individual[4].

Contemporaneamente, seguindo argumento parecido, o italiano Norberto Bobbio identifica o Estado liberal como o único capaz de assegurar as liberdades fundamentais que são a essência de um sistema verdadeiramente democrático. Apesar de sua crença nos valores e instituições liberais, Bobbio alega que os antagonismos políticos entre direita e esquerda não teriam se dissipado, sendo que a diáde estaria visivelmente viva em programas diferenciados de ação política.

Eric Hobsbawm, em entrevista recente a Antonio Polito, defendeu a mesma tese. De acordo com o historiador inglês, a esquerda continuaria a existir, embora deveras enfraquecida em razão do colapso da União Soviética e do crescimento da economia globalizada, que atingiram os fundamentos da social-democracia (calcados em uma política fiscal redistributiva, na proteção social e em uma política macroeconômica voltada para o pleno emprego). Assim, segundo o autor, a esquerda socialista não disporia mais de um programa adequado, não podendo propor a construção de uma sociedade diferente pela ausência de modelos históricos alternativos para tanto. Para Hobsbawm, um conhecido entusiasta do marxismo, o século XX teria trazido um “inegável progresso”, de forma que “em 1890, as palavras da Internacional ainda tinham um sentido literal, mas depois de 1960 tornou-se cada vez mais impossível cantá-las acreditando que os “famélicos do mundo” estavam de fato esfomeados” (Hobsbawm, 2000: 106).

Por outro lado, autores como Michael Löwy, Daniel Bensaïd e Perry Anderson ainda apresentam duras críticas à modernidade e ao capitalismo, propondo novos caminhos para a luta anticapitalista. Para tais pensadores, a nova geração de intelectuais que vem surgindo na última década ainda guarda um espírito crítico, valores socialistas e anseio de resistência ao modelo hegemônico. Colocam-se, portanto, em franca oposição às idéias de “morte do socialismo” e de “fim da história”, que tendem a subestimar a capacidade transformadora e criativa dos homens.

Perry Anderson, em resposta ao ensaio *The End of History?*[5] do funcionário do Departamento de Estado americano Francis Fukuyama, refuta os argumentos do autor que se apóia em Hegel e Alexandre Kojève para proclamar o triunfo final da democracia liberal ocidental e o esgotamento de quaisquer alternativas viáveis ao liberalismo econômico e político. Para Anderson, a vitalidade da tradição marxista continua manifestando-se sob múltiplos aspectos, sendo possível visualizar outros possíveis desfechos para o pensamento socialista, como a sua transvalorização, mutação ou redenção.

O abandono progressivo pela esquerda de vários pressupostos básicos das teses marxistas, a adoção de um “discurso único” em defesa do aperfeiçoamento gradual do sistema capitalista por meio de reformas legislativas e a renúncia ao método revolucionário levaram muitos à negação do movimento dialético da história, refutando qualquer possibilidade efetiva de inovação e transformação.

Conforme já nos mostrava Ernst Bloch, “o mundo burguês tende a substituir a utopia pela “adaptação” criando um mundo medíocre e fechado” (apud. Hobsbawm, 1985: 143). Cabe aos

homens, portanto, decidirem se estão dispostos a renunciar à sua capacidade de desejar, de sonhar, de ansiar pela mudança e pela transformação.

Enquanto houver um pensamento crítico que não se contente com a aparência dos fenômenos históricos e se preocupe em desvelar a essência contraditória da realidade social, aberta estará a possibilidade da emancipação e transformação do mundo. Pois, se os homens fazem a história, o “fim da história” enunciaria antes o fim do próprio homem.

Eis o desafio das próximas gerações neste novo século: demonstrar que a submissão a um determinado modelo histórico, que se pretende absoluto, universal, inquestionável e racional, pode ser rompida. A transcendência desta forma de organização social que se mostra a cada dia mais contraditória, irracional e inumana, pode e deve ser almejada, posto que justamente a criatividade e a reflexão constituem o diferencial que caracteriza a ação humana no mundo. 🌀

## NOTAS

[1] **Alexandre Garrido da Silva:** Aluno do 5º período de Ciências Sociais; bolsista PIBIC/CNPq (área de pesquisa: Direitos Humanos, Filosofia Política, Teoria Sociológica, Marxismo).

[2] **Joana El-Jaick Andrade:** Aluna do 9º período de Ciências Sociais; bolsista PIBIC/CNPq (área de pesquisa: Estado, Instituições Políticas, Teoria e Pensamento Político, Marxismo).

[3] Assim, Marcuse nos mostra como a sujeição do homem ao seu aparato produtivo, através do progresso técnico, é perpetuada e intensificada sob a forma de muitas liberdades e comodidades, além de um profundo pré-condicionamento que molda os impulsos e aspirações instintivas e obscurece a diferença entre consciência falsa e verdadeira. Desta forma, a democracia e o Estado de Bem-Estar Social se revelariam uma forma eficiente de manutenção da irracionalidade e da servidão, que faria do homem um instrumento de produção, uma “coisa”.

[4] Segundo Habermas, as sociedades tardo-capitalistas teriam seus conflitos sociais não mais centrados na oposição entre capital e trabalho, mas sim em grupos periféricos dotados de novos potenciais de protesto. Dentre estes poderíamos citar grupos de defesa dos direitos humanos, de defesa de minorias e envolvidos com questões ambientais. Assim, tais sociedades já teriam logrado a solução de conflitos econômicos mais urgentes às custas de políticas sociais compensatórias e legislação social protetora, garantindo, desta forma, a lealdade das massas em prol de um programa político conciliatório entre as classes.

[5] Escrito em 1990 e convertido no livro “*The end of history and the last man*”, em 1992.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, P. **O fim da História: de Hegel a Fukuyama.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

ARAGÃO, L. **Habermas: filósofo e sociólogo do nosso tempo.** Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, A. **A terceira via.** Rio de Janeiro: editora Record, 2000.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia.** Lisboa: Edições 70, 1987.

HOBSBAWM, E. J. **Revolucionários.** Rio de Janeiro: paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **O novo século.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JACOBY, R. **O fim da utopia**: política e cultura na era da apatia. São Paulo: Editora Record, 2001.

LÖWY, M. & BENSAID, D. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.

MANDEL, E. **O lugar do marxismo na história**. São Paulo: Xamã, 2001.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MORAES, J. Q. de. Contra a canonização da democracia. **Crítica marxista**, São Paulo, maio de 2001, vol.1, n.12, pp. 09-40.